

TEMPO DA NATUREZA E TEMPO DO RELÓGIO - TRADIÇÃO E MUDANÇA EM UMA COMUNIDADE PESQUEIRA¹

Ivete Nascimento²

RESUMO - Neste trabalho, analisamos como se dá a construção do tempo entre os pescadores do município de Maracanã no litoral nordeste paraense.

Esta temporalidade foi rastreada na articulação do tempo natural e do tempo do relógio, predominantes nas comunidades tradicionais e sociedades urbano-industriais.

Esta construção foi trabalhada nas seguintes perspectivas: a) na articulação passado (o tempo de dantes) e presente (o tempo de hoje); b) na espera e na procura, que sincronizam homens e natureza no tempo do trabalho, com o curral e as redes, os principais instrumentos de captura utilizados na área; c) no presente, onde o tempo natural e o tempo do relógio estão em permanente e tensa articulação, ocorrendo a predominância ora de um, ora de outro, tanto na cidade de Maracanã, pólo urbano do município, quanto nas pequenas vilas pesqueiras, cuja vida recria de forma restrita o tempo de dantes; d) no tempo do turismo, quando os veranistas procuram o litoral, e o tempo do relógio predomina no cotidiano dos pescadores; e) no contraponto entre o tempo dos que pescam e o dos outros membros da comunidade que, mesmo não sendo pescadores, estão ligados ao mundo da pesca de acordo com sua posição no grupo, como os velhos, mulheres e crianças; f) na temporalidade enquanto uma forma de detectar como os vários "olhares" da sociedade percebem o pescador enquanto incapaz e preguiçoso.

PALAVRAS-CHAVE: Pesca artesanal, Mudança social, Meio ambiente, Tempo cultural.

¹ As reflexões aqui desenvolvidas, em grande parte decorreram da dissertação de Mestrado "Homens e Peixes - o tempo da pesca artesanal", apresentada à Universidade Federal da Paraíba em dezembro de 1993.

² MCT/CNPq, Museu Paraense Emílio Goeldi, Dept° de Ciências Humanas. C. Postal 399. CEP 66040-170. Belém/PA.

ABSTRACT - In this work we analyze how time is structured among the fishermen of the Municipal District of Maracanã, on the northeastern coast of Pará, Brazil.

This time is based on natural time and on chronometric, which are predominant in traditional communities and urban-industrial societies.

The construction of time was elaborated on the following perspective: a) on the past articulation (the time before) and the present (the present day); b) on the waiting and hunting that synchronizes men and nature, with the fish traps and nets that are their main instruments of fish capture in this area; c) on the present, when natural time and the time of the watch are in permanent and tense articulation, and one finds the predominance sometimes of the one, sometimes of the other; d) on the period of tourism when the summer visitors go to the beach and the time of the watch predominates in the fishermen's life; e) on the counter-point between the people who fish and the other members of the community who, while not fishermen, are still linked to the fishery world; f) on the time as a measure by which the general society can stigmatize the fishermen as incapable and lazy.

KEY WORDS: Survival fishery, Social change, Environment, Cultural time.

INTRODUÇÃO

Abordo, neste trabalho, a construção temporal dos pescadores artesanais do município de Maracanã, litoral do Estado do Pará. O trabalho se concentrou nas comunidades do 40 de Mocoóca e Fortaleza do Mocoóca. A pesquisa intensiva foi desenvolvida em agosto e setembro de 1991, mas o contato com a área vem se mantendo de forma intermitente desde 1985 (Figura 1). Procurei desvendar como se organizam os vários “tempos”, passado e presente, tempo de trabalho, tempo de lazer, tempo de homens, mulheres e crianças, articulando os conceitos de “tempo natural”, e o “tempo do relógio” instituídos na vida cotidiana.

Vejamos os principais pressupostos que nortearam esta abordagem.

O tempo não é “dado”, mas instituído cotidianamente. Castoriadis (1986) coloca que o tempo que parece “natural” para o homem moderno, é o tempo instituído pelo capitalismo, sendo: linear, irreversível, demarcatório, uniforme, mensurável e infinito. Muitas dessas características foram ou são estranhas a outras culturas.

O tempo sendo “criação cultural”, e quando o estamos medindo o estamos criando. Para Leach (1974) é com a criação de intervalos na vida social (ritos de passagem, por exemplo) que se dá sua criação, só por conta disto é que ele se coloca como “uma coisa concreta à espera de ser medida”.

O privilegiamento do cotidiano como lugar do fazer social histórico é um outro pressuposto desta abordagem. Nas recentes contribuições oriundas da Antropologia, História e Sociologia, principalmente, inspiramo-nos, onde é resgatada a dignidade histórica do cotidiano e são atribuídos estatutos históricos a sujeitos tradicionalmente alijados da Historiografia (Berger & Luckmann 1985; Perrot 1988; Sader 1988).

Os conceitos de “tempo natural” e “tempo do relógio” utilizados por Thompson (1975) nos nortearam na análise da temporalidade dos pescadores de Maracanã.

A característica básica do tempo natural é a sua orientação dirigida aos afazeres, às tarefas do cotidiano, e está entrelaçada aos ritmos da natureza. Esse tempo natural se contrapõe ao tempo do relógio, medição/calendário reforçado pelo capitalismo e que se realiza plenamente na disciplina fabril.

A clivagem passado/presente é um dos componentes da construção temporal dos pescadores. O “Tempo de Dantes” resgatado das lembranças dos velhos pescadores se articula com o tempo de hoje. O passado lembrado pelos velhos é o “tempo da fartura”, onde a principal característica é a abundância, possibilitada pelo pluralismo econômico, onde a agricultura, a pesca, a coleta e o artesanato, congregavam-se em um calendário articulando as tarefas aos ritmos da natureza. O presente é o “tempo da famitura”, caracterizado pela pesca exclusiva, onde a degradação da natureza, os problemas fundiários, a especulação imobiliária, intensificada pelo turismo, e o aumento da demanda pelos produtos do mar, traduzem-se em uma perda da qualidade de vida que extrapola a esfera da subsistência e gera, igualmente, o empobrecimento da sociabilidade, que caracteriza um passado, onde as formas de ajuda mútua como o “mutirão” eram atuantes, estando, hoje, caindo em desuso.

Na esfera do trabalho, procurei desvendar como se articulam o “tempo natural” e o “tempo do relógio” nas rotinas das tarefas das principais modalidades de pesca praticadas na área: o curral e as redes. O primeiro caso, caracterizado pela “espera” e, o segundo, pela “procura”. O “tempo do turismo” será visto como o momento de maior presença do tempo do relógio, quando os veranistas buscam as praias da Zona do Salgado em busca do lazer, impondo comportamentos e pautas temporais típicas do mundo urbano.

O PASSADO, O “TEMPO DE DANTES”

Das lembranças dos velhos pescadores ressurgiu um modo de vida, caracterizado por um tipo especial de relação com a natureza, onde ela não é somente matéria prima a ser explorada. Esta relação mais harmônica se potencializa em uma pauta temporal com a tônica nos afazeres. É o desenrolar das atividades que pontua o “tempo” criando um ritmo que se adequa aos ciclos da natureza (Thompson 1975).

No “tempo de dantes” em Maracanã, os demarcadores abstratos (ano, semestre, mês, etc.) são substituídos pelas safras (no caso da agricultura) e piracema (no caso da pesca). Com baixa densidade demográfica e fracos elos com o mundo urbano, a comunidade produzia a maior parte do necessário à sobrevivência e a presença dos produtos industrializados.

Nesse tempo, o **respeito** se colocava como um valor caro ao grupo. Respeito à natureza e a seus ritmos, e respeito entre os homens, onde a solidariedade parental e vicinal reunia a comunidade nos elos da reciprocidade e o dar e receber passavam as relações sociais (Mauss 1974).

Este era o “tempo da fartura”, que significava principalmente a abundância de peixe, que é descrito com obsessiva insistência e riqueza de detalhes; as safras eram mais certas e as espécies maiores. Além do peixe a abundância era garantida com o consórcio de agricultura, coleta e artesanato. Era o “tempo da fluência” (Shalins 1977).

Este modo de vida típico do passado, está parcialmente recriado no presente, de forma mais visível, nas pequenas comunidades geograficamente mais isoladas, com acesso limitado às embarcações. Nestas, o tempo do relógio é menos presente, a relação com a natureza é mais próxima e o modo de vida urbano é menos percebido, diferentemente do que ocorre quando a comunidade é atingida pelas estradas.

TEMPO DO TRABALHO - A ESPERA E A PROCURA

Juntamente com o passado e o presente, outra clivagem se apresenta na construção temporal dos pescadores de Maracanã, a espera e a procura, que se relaciona com a especificidade da pesca artesanal na articulação dos ciclos da natureza e afazeres. A *espera* é o tempo característico do trabalho dos

curralistas, onde o ciclo das marés rege o cotidiano. A despesca desta armadilha é realizada a cada vazante e a vida comunitária está entrelaçada com este momento, refeições, sono, lazer, tudo a ela se relaciona. É preciso esperar o momento propício em que se articulam correntes, marés, lua, vento. Todas as esperas se resumem em uma: é preciso esperar o peixe (Figura 2).

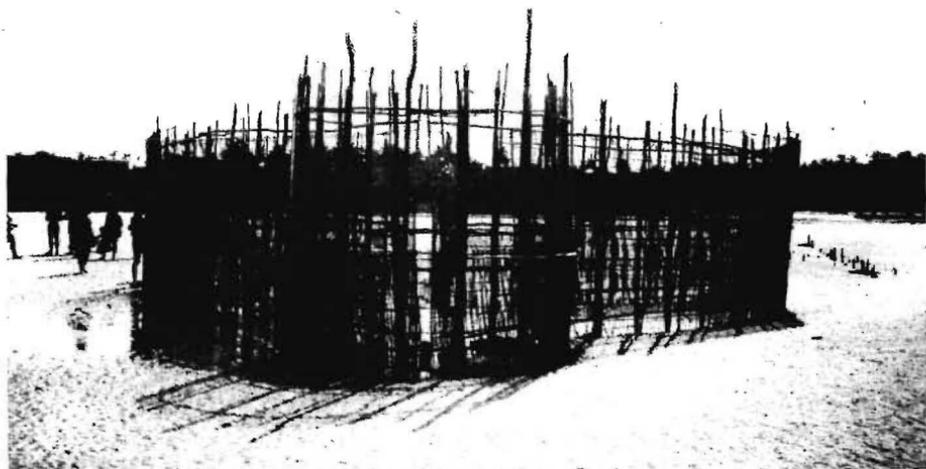


Figura 2 - Curral (Praia de Mocoóca-PA).

A *procura* caracteriza a pesca de rede, onde a tônica é o movimento, o “ir atrás do peixe”. Essa procura se articula à sazonalidade de inverno e verão amazônicos, que se traduz na presença de espécies de peixe típicas das águas “doces” e “salgadas”, à medida em que o nível de salinidade aumenta ou diminui, de acordo com a influência das águas do rio Amazonas no litoral do Pará. Esta modalidade de pescaria é realizada com a utilização de embarcações, as canoas movidas à vela ou as lanchas motorizadas (Figura 3).

TEMPO E TOMADA DE DECISÃO

Farei algumas considerações sobre a pesca de redes sob um aspecto onde pensamos se evidencia a tecitura do tempo construído no cotidiano. É a questão da tomada de decisão pelo encarregado da tripulação das canoas pesqueiras.



Figura 3 - Conserto de rede (Fortaleza de Mocoóca-PA).

O *encarregado*, em outros contextos denominado de mestre ou piloto tem a seu encargo várias atribuições. Em terra é responsável pela arregimentação da tripulação; no momento da pescaria coordena as tarefas e responde pela comercialização da produção, repartição do produto e prestação de contas com o proprietário (caso ele próprio não o seja). Dele depende a tomada de decisão, nas várias instâncias, tanto em terra como no mar, estando implicado o *momento* apropriado para determinadas atividades. Esta coordenação, implica articulação do tempo e tarefas exigindo o saber-fazer que congrega homens e natureza, para o êxito da empreitada. Nessa coordenação, está presente a articulação entre o “tempo natural” e o “tempo do relógio”. Embora a natureza continue ditando termos à atividade pesqueira, o tempo do relógio vem se impondo cada vez mais.

Este tema nos remeterá às questões da hierarquia e igualitarismo que são alguns dos componentes do ethos pescador. Maldonado (1991) nas suas colocações sobre a mestrança entre os pescadores do litoral da Paraíba, coloca que a ética igualitária e a ética hierárquica se cruzam em variadas instâncias da vida entre os grupos pesqueiros.

Decisão e tempo estão permanentemente imbricados, mas no momento da pescaria, a tensão se explicita mais fortemente, hierarquia e igualitarismo estão em jogo permanente. Tavares (1975) ao estudar a tomada de decisão e, a composição e organização do grupo de trabalho no mar, faz uma revisão da literatura em locais diversos, nos possibilitando verificar que dentre as várias atribuições dos *capitães*, *mestres* ou *chefes de rede*, está a decisão sobre *quando partir, quando iniciar a operação de pesca, a duração dela e o momento do retorno à terra*.

Mello (1984) ao analisar a mudança na pesca de Vigia, um dos municípios integrantes da Zona do Salgado, enfatiza que ela ocorre duplamente, quanto ao conteúdo e quanto à escala. No primeiro caso, a pesca torna-se “processos de valorização do capital”, no segundo “prolongamento do tempo de trabalho”.

A hierarquia e igualdade em uma articulação problemática caracterizada pela tensão faz parte do status do meste, o “encarregado”, como é denominado em Maracanã. Em alguns locais, os estudiosos (Furtado 1987; Mello 1984) colocam que as diferenciações e a hierarquia das funções são mais ideais do que reais, pois todos têm conhecimento, de modo geral, das tarefas a serem desempenhadas.

Em outros contextos, o coordenador, denominado mestre, possui status especial tanto no âmbito da produção, quanto na comunidade (Maldonado 1991). No nordeste paraense, há situações variadas, que implicam diferenças no seu status. Há os casos em que por velhice ou invalidez um pescador deixa de “ir pra fora” e manda um encarregado, quase sempre uma pessoa ligada por laços de parentesco. Outros possuem mais de uma canoa, tomando encarregados para substituí-los. E há os que não são pescadores e sim comerciantes e/ou atravessadores, mantendo vários encarregados pescando para eles. Neste caso: “O encarregado não existe somente como pescador mais experiente e de maior conhecimento teórico-prático da pescaria, ele é também o homem de confiança do patrão o qual muitas vezes sem seu saber e seu relacionamento

de prestígio junto aos pescadores tem de confiar-lhe a contratação da tripulação e a responsabilidade da pescaria - e só conseguirá manter-se como “encarregado”, enquanto não trair os interesses do seu patrão... Em Vigia podemos verificar que o fator determinante da escolha de um encarregado pelo capitalista deslocou-se de seus conhecimentos e relacionamento para a produtividade” (Mello 1984: 92).

Observamos, assim, que na pesca de rede, não obstante a organização do trabalho não apresentar modificações significativas, vêm ocorrendo mudanças que subvertem a tradição, sendo a intensificação da produção pelo aumento do tempo de trabalho, um dos instrumentos de dominação, onde o *tempo do relógio se impõe ao tempo natural*.

TEMPO DE MARRETEIRO

A articulação do “tempo do relógio” com o “tempo natural” se dá com predominância e não com exclusão (Castoriadis 1986). Na esfera da produção a natureza tem a primazia e seus ciclos ditam termos às práticas dos homens. Na esfera da comercialização o tempo do relógio é o “tempo do marreteiro”³, onde a máxima “tempo é dinheiro” já foi plenamente incorporada. A assimetria caracteriza a relação pescador-marreteiro, onde o primeiro é a parte mais fraca que distante dos mercados consumidores, e lidando com produtos altamente perecíveis, coloca-se à mercê do marreteiro. Outro aspecto da relação que fortalece a assimetria é a sua fraca capacidade de acumulação, que depende de créditos para desenvolver a produção. Ele é então “aviado” por um marreteiro que em troca do produto adianta o necessário à atividade pesqueira, muitas vezes, também, provendo a família do pescador, na sua ausência.

Uma das bases desta relação é a manipulação temporal, que permite ao marreteiro auferir margens maiores de lucro. Esta manipulação se realiza no tempo interposto entre o momento da pescaria e o do pagamento, que não ocorre à vista. Esta relação que está no quadro do aviamento presente na história da Amazônia, em variadas atividades (extrativismo, agricultura) (Santos 1977) é caracterizada pelo estabelecimento de relações interpessoais,

³ Denominação local para o atravessador.

onde a vizinhança, o parentesco e o compadrio “amaciam” a relação comercial incorporando valores caros às comunidades tradicionais como a solidariedade e a reciprocidade. Mas, à medida em que as comunidades vão-se incorporando mais fortemente à economia de mercado, vão-se evidenciando as contradições, com o enfraquecimento desses valores e a busca de maximização do lucro.

TEMPO DE VERANISTA

É no período do veraneio, que na região ocorre no mês de julho coincidindo com as férias escolares, que a zona do Salgado, litoral do Pará, recebe uma população de turistas.

É esse o tempo da “turistificação” (Corbin 1989), onde o tempo do relógio se realiza plenamente. Os veranistas vêm em busca de “paraísos intocados”, “vazios” onde a natureza é passível de fruição.

As áreas mais procuradas são as praias, elemento básico de atração dos turistas.

Este processo de turistificação vem-se intensificando a partir da década de 70-80, seguindo a expansão das estradas que vão atingindo as praias que antes eram domínios das comunidades pesqueiras e agora se transformam de espaço de trabalho em espaço de lazer.

Em Maracanã, o principal pólo de turistificação é a ilha de Maiandeuá, com as comunidades de Algodóal e Fortaleza do Mocoóca. Algodóal é o mais antigo, com uma estrutura hoteleira ainda precária, e alguns serviços de telefonia e luz elétrica. Ai observam-se novas formas de organização espacial, com a destruição da cobertura vegetal das dunas, para construção de bares, restaurantes e casas de férias e pequenos hotéis e pousadas. Fortaleza do Mocoóca vem sendo procurada mais recentemente e mantém seu modo de vida tradicional. Os veranistas, em geral, alugam cômodos nas casas dos pescadores, e mesmo impondo suas pautas culturais e sua temporalidade dirigida pelo relógio, o processo está iniciando.

A percepção espacial dos veranistas enfatiza a área como um “vazio”, onde a natureza é um item, disposto à apropriação. A sociabilidade se modifica com a entrada de novos personagens, todas as instâncias do cotidiano são afetadas em Fortaleza do Mocoóca.

A população de aproximadamente 500 habitantes interage com os veranistas. As mulheres são arregimentadas para os serviços domésticos, os homens executam serviços de carpintaria e outros necessários à construção e manutenção das casas. Os jovens entram em contato com comportamentos típicos de mundo urbano, e muitas vezes os fetiches da modernidade se incorporam aos desejos dos pescadores e a atração pelo modo de vida urbano se faz sentir, propiciando o ensejo para a migração.

O TEMPO DOS “OUTROS”

O tempo do trabalho dos pescadores ativos se articula com o tempo dos outros segmentos da comunidade, que, de formas variadas, se interligam ao mundo da pesca, os velhos aposentados, as mulheres e as crianças, construindo seu próprio tempo.

O tempo dos velhos é marcado pela lembrança (Bosi 1987), está voltado para o passado, quando participaram do mundo do trabalho. Eles se ressentem da inatividade e procuram sempre manter-se próximo, recriando âmbitos de participação nas conversas de “botecos” e no momento da volta das pescarias, onde à beira da praia é comentada a produção. Sua participação continua se dando na confecção de apetrechos de pesca, particularmente nos currais, onde a “marcação” exige o conhecimento da natureza que os mais velhos detêm. O curral permite, por mais tempo, sua permanência no mundo do trabalho, ao contrário das redes cujos pescadores estão na faixa etária mais jovem.

A relação entre as geração dos pescadores de Maracanã apresenta suas tensões. Embora os velhos sejam encarados como ultrapassados, certas tarefas exigem seu conhecimento, a marcação dos currais e confecção de instrumentos, como a tarrafa são um exemplo.

O presente é caracterizado pelo enfraquecimento dos valores tradicionais e a “falta do respeito” com que os jovens tratam a ancianidade é enfatizada pelos mais velhos.

Na análise do tempo das mulheres, dialogamos com dois trabalhos (Siqueira & Bandeira 1988; Alencar 1991) que abordam a questão no contexto das mudanças instauradas pelo capitalismo e a inserção da mulher no mercado

de trabalho. Elas acentuam o caráter fragmentário do tempo feminino. Alencar aborda igualmente esta fragmentação. O tempo dos homens é unicentrado, dedicado com exclusividade ao trabalho pesqueiro, enquanto o das mulheres é dividido entre as várias tarefas, dos trabalhos domésticos à pesca.

O tempo é um ponto importante nas duas argumentações, já que é a exclusividade da atividade pesqueira que confere ao homem a identidade de pescador, enquanto a mulher, mesmo pescando efetivamente, fica, na maioria dos trabalhos sobre o tema, na “invisibilidade”.

CONCLUSÃO

A ideologia do trabalho árduo, contínuo e regular como única forma adequada de condução da vida surgiu com a instauração do capitalismo e está ligada à necessidade de criar uma força de trabalho adequada à produção industrial. Thompson (1975) nos mostra como se deu a utilização do tempo como meio de exploração do operariado e de como estas primeiras gerações de trabalhadores ainda regidas pelo tempo ligados aos afazeres e com maior porção de tempo livre, resistiram à inculcação do novo tempo.

As sociedades regidas pelo tempo do relógio, típico da disciplina fabril, descartam como indesejáveis as características das sociedades tradicionais, onde predomina o tempo da natureza, e os seus ritmos são obedecidos. Seus membros são vistos como preguiçosos, “descansados”, refratários à mudança. Estas características estão presentes nos estereótipos de que são alvos os pescadores (Láfargue 1980).

Para indivíduos ou sociedades que se pautam pelo tempo do relógio, todas as horas devem ser ocupadas, e mesmo o ócio segue uma ordenação, não é simplesmente não fazer nada, é um lazer rotinizado que, como bem o colocou Santos (1988) se subordina a ritmos e controles estruturalmente semelhantes aos que nos esmagam no trabalho. Não há, mesmo nas férias, lugar para a preguiça. Estas sociedades onde predomina o ideário do controle do tempo, inclusive em instâncias que extrapolam os limites do trabalho, verão os indivíduos regidos por outras “disposições temporais” (Bourdieu 1979) como anárquicos, indolentes e preguiçosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, E. F. 1991. *Pescadeiras, Companheiras e Perigosas - a pesca feminina na ilha de Lençóis*. Brasília, Universidade de Brasília. Tese de mestrado. inédito.
- BERGER, P. L. & LUCKMAN, T. 1985. *A construção social da realidade: tratado de Sociologia do conhecimento*. Petrópolis, Vozes.
- BOSI, E. 1987. *Memória e Sociedade, lembrança dos velhos*. São Paulo, EDUSP.
- BOURDIEU, P. 1979. *O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais*. São Paulo, Perspectiva.
- CASTÓRIADIS, C. 1986. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo, Paz e Terra.
- CORBIN, A. 1989. *O território do vazio a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo, Companhia das Letras.
- FURTADO, L. G. & NASCIMENTO, M. I. 1982. Pescadores de linha no litoral paraense: uma contribuição aos estudos de campesinato na Amazônia. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi, nova sér. Antrop.* Belém.
- FURTADO, L. G. 1984. Pesca artesanal: um delineamento de sua História no Pará. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi, nova sér. Antrop.* Belém (79):1-50.
- FURTADO, L. G. 1987. *Curralistas e Redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará*. Belém, Museu Paraense Emilio Goeldi (Coleção Eduardo Galvão).
- LÁFARGUE, P. 1980. *O Direito à Preguiça*. São Paulo, Kairós.
- MALDONADO, S. C. 1986. *Pescadores do Mar*. São Paulo, Ática.
- MALDONADO, S. C. 1991. *Em dois meios, em dois mundos. A experiência pesqueira marítima*. Brasília, Universidade de Brasília. Tese de doutorado.
- MAUSS, M. 1974. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EDUSP.
- MELLO, A. F. 1985. *A pesca sob o capital - a tecnologia a serviço da dominação*. Belém, Universidade Federal do Pará.
- MOTTA-MAUÉS, M. A. 1977. *Trabalhadeiras e Camarados: um estudo sobre o status das mulheres numa comunidade de pescadores*. Belém, Universidade Federal do Pará.
- OLIVEIRA, R. C. 1988. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- PERROT, M. 1988. *Os excluídos da História*. São Paulo, Paz e Terra.
- SADER, E. 1988. *Quando novos personagens entraram em cena - experiência e luta dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-1980*. São Paulo, Paz e Terra.
- SANTOS, B.S. 1988. A Crise do Paradigma. In: *O DIREITO achado na rua*. Brasília, Editora UnB.

- SHALINS, M. 1977. A primeira sociedade da afluência. In: CARVALHO, A. *Antropologia econômica*. São Paulo, Livraria Ciências Humanas.
- SIQUEIRA, D. & BANDEIRA, L. 1988. *A construção do tempo feminino da (im)possibilidade do extraordinário*. ANPOCS.
- TAVARES, M. C. 1976. *Um estudo de tomada de decisão (decision making) na pesca artesanal: Icarai (CE)*. Brasília, Universidade de Brasília. Tese de mestrado.
- THOMPSON, E. 1975. *Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial*. mimeografado.

Recebido em: 13.07.95

Aprovado em: 19.04.96